

INGRESSAR NA CARREIRA DOCENTE E OS DESAFIOS DE TORNAR-SE PROFESSOR ALFABETIZADOR

Livia Nayara Silva Santos¹
Edith Maria Batista Ferreira²

Resumo: Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada para a conclusão do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), durante o segundo semestre de 2023, com o objetivo de analisar as dificuldades enfrentadas pelos professores alfabetizadores iniciantes na docência, que participam do Programa “Alfabetizar Pra Valer”, no município de Urbano Santos, Maranhão. A metodologia utilizada se ancorou na abordagem qualitativa. Para a geração dos dados, fez-se uso da técnica de grupo focal, realizando encontros via google meet, durante o período de 23 a 27/06/2023, com a participação de seis professores alfabetizadores ingressantes na docência. Os resultados apontaram que a iniciação à docência é uma fase desafiadora, uma vez que exige conciliar aprender a ensinar e ensinar ao mesmo tempo.

Palavras-chave: Alfabetização; Professor iniciante; Desafios.

ENTERING THE TEACHING CAREER AND THE CHALLENGES OF BECOMING A LITERACY TEACHER

Abstract: This article is the result of research carried out to complete the Pedagogy course, at the Federal University of Maranhão (UFMA), during the second semester of 2023, with the aim of analyzing the difficulties faced by literacy teachers new to teaching, who participate in the “Alfabetizar Pra Valer” Program, in the municipality of Urbano Santos, Maranhão. The methodology used was anchored in the qualitative approach. To generate the data, the focus group technique was used, holding meetings via Google Meet, during the period from 23 to 27/06/2023, with the participation of six literacy teachers new to teaching. The results showed that starting to teach is a

¹Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão, Pós-graduanda em Neuropsicopedagogia, pela Faculdade Uniasselvi, Pedagoga da Escola Centro de Apoio 1ª Criança e Pré Vovó Anita. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3885992409558432> Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-2480-3078> E-mail: lihmay15@gmail.com

² Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão. Licenciada em Pedagogia (UFMA). Mestre em Educação (UFMA). Doutora em Educação (PPGE/UECE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0000000000000000> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7816-8776> E-mail: edith.maria@ufma.br

challenging phase, as it requires reconciling learning to teach and teaching at the same time.

Keywords: Literacy; Beginning teacher; Challenges.

EL ACCESO A LA PROFESIÓN DOCENTE Y LOS RETOS DE LA ALFABETIZACIÓN

Resumen: Este artículo es el resultado de una investigación realizada para completar el curso de Pedagogía de la Universidad Federal de Maranhão (UFMA) durante el segundo semestre de 2023, con el objetivo de analizar las dificultades enfrentadas por los alfabetizadores noveles que participan en el programa «Alfabetizar Pra Valer» en el municipio de Urbano Santos, Maranhão. La metodología utilizada se basó en un enfoque cualitativo. Para generar los datos, se utilizó la técnica de grupo focal, realizando reuniones vía google meet, durante el período 23 al 27/06/2023, con la participación de seis alfabetizadores noveles. Los resultados mostraron que el inicio en la docencia es una fase desafiante, ya que requiere conciliar aprender a enseñar y enseñar al mismo tiempo.

Palabras clave: Alfabetización; Profesor principiante; Desafíos.

INTRODUÇÃO

A entrada do professor alfabetizador na educação é um momento crucial na construção de sua identidade docente, pois ela norteará a forma como este profissional se enxerga como educador. Desta forma, é de suma importância entender como a entrada na carreira docente alfabetizadora ocorre e os desafios que esse profissional enfrenta no início desta jornada.

Sendo assim, este artigo é resultado de uma pesquisa realizada para a conclusão do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) - no segundo semestre de 2023 - cujo objetivo geral buscou analisar as dificuldades enfrentadas pelos professores alfabetizadores iniciantes na docência, ao viverem o Programa “Alfabetizar Pra Valer”, no município de Urbano Santos, Maranhão. O interesse pela questão emergiu das discussões realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisa “O Ensino da Leitura e da Escrita

como Processos Dialógicos” (GLEPDIAL), vinculado ao Departamento de Educação I, do curso de Pedagogia da UFMA, onde se constroem as bases teórico-práticas para a vivência de uma alfabetização humanizadora, atrelada à vida e comprometida com a apropriação dos atos de leitura e escrita presentes na sociedade contemporânea.

Este estudo se situa na área das ciências humanas. A metodologia utilizada ancorou-se na abordagem qualitativa que, segundo Godoy (1994), é primordial para estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e que são interligados pelas relações sociais. Desta feita, ao fazer uma pesquisa qualitativa, é necessário buscar uma perspectiva integrada ao contexto; com isso, o pesquisador pode captar o fenômeno a partir das pessoas nele envolvidas, considerando os pontos de vista delas.

Constituíram-se sujeitos desta pesquisa, seis professores alfabetizadores iniciantes na docência, integrantes do Programa Alfabetizar Pra Valer, do município de Urbano Santos/MA, que possuem entre um e cinco anos de experiência no ciclo de alfabetização. Convém informar que o referido Programa foi criado pela Secretaria Municipal de Educação, no ano de 2020, com o objetivo de desenvolver um conjunto de ações voltadas para a formação de professores, gestores e coordenadores pedagógicos para auxiliarem na alfabetização de crianças com idade entre seis e oito anos, devidamente matriculadas na Rede Municipal de Educação, que tiveram o seu processo de alfabetização prejudicado em decorrência da Pandemia da Covid-19.

Para a geração dos dados que constituem o corpus dessa investigação, utilizou-se a técnica do grupo focal, realizando encontros on-line, via google meet, durante o período de 23 a 27/06/2023. O grupo focal é uma técnica de geração de dados muito utilizada nas pesquisas sociais de abordagem qualitativa. Ele ocorre por meio da seleção de pessoas que possuem certas características estabelecidas como necessárias para que possam participar de uma conversa coletiva sobre o tema definido “[...] de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas” (Gatti, 2005, p. 01).

O conteúdo gerado por meio do grupo focal - atendendo aos princípios éticos da pesquisa envolvendo seres humanos - teve permissão para ser gravado em arquivo de vídeo; posteriormente, transcrito e analisado. A análise dos dados foi realizada estabelecendo unidades de significação, relacionando-as ao arcabouço teórico estudado.

Desta forma, o presente texto encontra-se organizado em três seções. Inicialmente aborda a entrada do professor alfabetizador na carreira docente, trazendo como referência os estudos de García (1999) e Huberman (1974). Logo após, discute-se o processo de tornar-se professor alfabetizador e as fontes de aprendizagem da docência, com base na escuta dos sujeitos e nas contribuições de autores como Arena (2017; 2020; 2021; 2022), Silva (2021) Ferreira e Correia (2020). Por fim, apresenta-se os principais desafios enfrentados nesse processo inicial da atuação docente.

A pesquisa realizada expandiu a compreensão sobre a docência e a alfabetização, possibilitando enxergar como ser professor é uma caminhada complexa, marcada por dificuldades e dúvidas durante a atuação profissional.

A entrada do docente na carreira profissional

Tornar-se professor - mais especificamente alfabetizador, objeto de discussão deste trabalho - é um grande desafio, pois o docente trilha por diversos caminhos até, de fato, transformar-se em um docente que alfabetiza. Todo este processo requer tempo e dedicação; a caminhada docente inicia antes mesmo de entrar na sala de aula, pois a formação inicial é um dos pilares fundamentais da criação da identidade deste professor. Das diversas fases trilhadas pelo educador, destaca-se aqui a fase de iniciação, que corresponde à transição de estudante para professor, quando adentra na carreira profissional.

De acordo com García (1999), em diálogo com Vonk, a iniciação é apenas uma das etapas de um longo e contínuo processo de desenvolvimento profissional do professor, mas é uma fase de suma importância, pois é nela que

o docente vai delineando sua identidade e identificação com a profissão. Por isso, é importante destacar que neste estágio da carreira docente existem diversas características - imprescindíveis de serem analisadas - comuns entre educadores.

A iniciação à docência é, de acordo com García (2011), o período mais enigmático e um dos mais importantes no processo de aprender a instruir, uma vez que exige conciliar aprender a ensinar e ensinar ao mesmo tempo, tarefa bastante desafiadora, ainda mais quando é cobrado um ensino de qualidade, apesar da falta de suporte das instituições educacionais, situação frequente nas escolas brasileiras.

Essa é a fase de transição de estudantes para professor, é um período de bastante desafios e inseguranças a serem enfrentados. Cavalcante e Farias (2020) definem esta fase como um momento de adaptação, que não ocorre abruptamente, mas sim de forma gradual, ao longo do tempo.

Segundo as autoras,

A transição de aluno para professor não tem data, nem é marcada de forma pontual. É uma fase de adaptação, medos, descobertas e aprendizagens, pois os conhecimentos adquiridos e a capacidade de articulação destes com a realidade são postos em relevo, o que implica colocar “em prática” o que foi aprendido durante a formação inicial, e também lidar com as demais situações contingentes e imprevisíveis que acontecem no cotidiano da escola. (Cavalcante; Farias, 2020, p. 5-6).

O processo de transição é bastante árduo, visto que o docente iniciante precisa lidar com a instabilidade da sala de aula de uma forma - muitas vezes - solitária. Contudo, é neste período que o profissional adquire competência e desenvoltura para assumir uma classe (García, 1999).

Nesse sentido, a entrada na carreira docente faz com que o professor sinta que não tem experiência e maturação o suficiente para viver esta fase, já que, de acordo com Rocha (2016), todas as vivências deste período são intensificadas.

É notório que esta fase de iniciação é um momento bastante particular na vida dos docentes; embora esses apresentem questões comuns à maioria dos

seus pares, cada vivência é enxergada de forma distinta. Essas particularidades impedem que seja firmado um consenso a respeito da iniciação. García (1999) enfatiza isso ao falar que esta fase, que corresponde a dos primeiros anos de experiência, é quando os docentes passam pela transição e precisam adquirir o conhecimento necessário para ensinar.

Desta forma, cada profissional lida com este momento de forma única, sendo extremamente difícil para alguns e mais fácil para outros. Como já levantado, o início da docência é muito significativo para um professor, pois se configura como uma experiência marcada por muitos “sabores”, às vezes, podem ser doces ou mesmo desagradáveis e amargos (Moura; Guarnieri, 2019. p. 103.)

Giovanni (2014) e Guarnieri (2014) relatam que grande parte dos docentes consideram que a aprendizagem ocorrida na formação inicial foi insuficiente e até utópica, já que a prática é algo muito distante. Isso explica - de certa forma - a razão de muitos docentes iniciantes recorrerem a uma pedagogia tradicional, pois se sentem acuados diante de tantas dificuldades e acabam seguindo pelo caminho “mais fácil, funcional e seguro”. Este fato tem consequência sérias; inclusive, muitos profissionais acabam descreditando de novas metodologias e de formas diferentes de ensinar, visto que - em todo em seu processo formativo - foram estimulados a pensar dessa forma.

A discussão sobre a entrada do professor na carreira docente teve uma grande expansão nos últimos anos o que faz com que diversos autores abordem, em suas obras, a necessidade de falar deste período de transição. Huberman (1974) destaca que essa necessidade surgiu para investigar e responder aos crescentes questionamentos a respeito da docência, o que acabou despertando uma busca incessante por respostas mais complexas.

Ao estudar o ciclo de vida profissional dos professores, Huberman (1974) considera o professor iniciante aquele que tem - aproximadamente - cinco anos de docência. Afirma existir um choque de realidade do professor iniciante ao ingressar na carreira docente. Desta forma, existem dois estágios neste período: o de “sobrevivência” e o de “descoberta”. O primeiro é resultado de

um choque ao ver o “mundo real” e observar toda a complexidade e desafios da carreira docente; o segundo é sobre o entusiasmo inicial para colocar em prática tudo o que aprendeu. Geralmente os dois estágios acontecem simultaneamente, às vezes o docente tem um aspecto mais acentuado que o outro (Fuller et. al. apud Novoa, 2000).

Outro elemento destacado no início da carreira docente é a perda de estímulo em exercer uma docência funcional; diante do contato com pessoas que desvalorizam a profissão e muitas vezes criticam a escolha por esta carreira, tendo em vista a remuneração ruim e as precárias condições de trabalho, sente desânimo em inovar e acaba se acomodando no que é, ao seu ver, mais seguro.

Quando se faz esse apontamento a respeito da iniciação do professor na carreira, não se está vitimizando o docente, mas sim apontando os grandes conflitos presentes nesta fase e que geram grandes impactos no decorrer de sua carreira. Esses impactos não ficam restritos apenas no âmbito pessoal e profissional do professor, mas também causam grandes consequências no sistema educacional, em sua totalidade.

Sobre esse aspecto, Souza et al., (2016) não só destacam a importância dessa fase de iniciação, mas também enfatizam os diversos desafios que são impostos ao docente. São muitos elementos e muitas responsabilidades que o professor assume automaticamente ao estar em uma sala de aula, isso faz com que mais inseguranças aflorem naquele indivíduo.

O docente iniciante, como observado anteriormente, não possui o suporte e a liberdade necessários para colocar em prática os saberes construídos na formação inicial. Somando-se aquela dificuldade com os desafios da vida docente, muitos profissionais acabam desistindo da educação para seguirem outras carreiras, fazendo com que o sistema educacional pereça cada vez mais.

Diante do exposto, é necessário assumir essa etapa da carreira docente, pensando formas de acolhimento, apoio e formação a estes profissionais para

que desejem permanecer na profissão e possam desenvolver um trabalho com a qualidade necessária para potencializar a aprendizagem dos alunos.

Tornar-se professor alfabetizador

Torna-se professor é um processo bastante complexo e tema de diversos debates no meio acadêmico e social, pois de acordo com Prado et. al (2013), a docência foi enxergada por muitos anos como uma profissão que exige vocação. A pessoa nascia com esse dom e estava predestinada a exercer essa função, já que - na visão da sociedade - para se enquadrar como alguém destinado à docência, era necessário ser um modelo de virtudes e uma pessoa persuasiva o suficiente para mudar o próximo. Silva (2021) reitera que infelizmente esse discurso de associar à docência a um dom, não se restringia apenas aos ambientes fora da escola, mas que foi sendo disseminado também dentro das instituições de ensino.

No que diz respeito - especificamente - ao processo de tornar-se alfabetizador, ele é individual. Bolzan e Millani (2013) destacam que essa construção de identidade envolve, em primeira instância, uma reflexão introspectiva, no qual a professora busca, em sua vida pessoal e profissional, a sua forma de ser docente.

Com base nisso, o grupo focal realizado com seis alfabetizadores, começou com o questionamento de como os docentes foram se constituindo professores alfabetizadores nos anos iniciais do ensino fundamental, como foi o processo de se enxergar esse profissional, quais foram os elementos que contribuíram para que elas, de fato, se identificassem como professores que alfabetizam. Os questionamentos auxiliaram cada integrante a ter um olhar sobre a sua trajetória, desde a sua formação inicial até chegar aonde se encontram atualmente.

A professora Maria enfatizou as experiências que a ajudaram na sua construção como uma professora alfabetizadora, pois, para ela, este processo

teve início a partir de uma necessidade e que sua inserção na carreira docente ocorreu principalmente por oportunidades que foram surgindo. Ela assevera:

A minha carreira como professora começou pela necessidade que eu tinha por um emprego, eu não nasci para ser professora, não me via sendo professora. Eu não escolhi a docência, ela que me escolheu. Na verdade, foi a necessidade que me escolheu, porque eu era bastante nova e não queria ficar dependendo do meu esposo, aí apareceu uma oportunidade como professora. Foi na educação infantil, com as crianças que eu me identifiquei, pois eu percebi que deveria cuidar delas assim como gostaria que meus filhos fossem cuidados na escola. Hoje, sou professora, passei a me identificar como professora depois da Universidade, além da creche que me deu oportunidade. Eu não queria ser uma professora que me baseava apenas pelo livro, pois eu queria entender como é que funcionava a cabecinha das crianças, como era o desenvolvimento delas, o que eu poderia levar para uma melhor aprendizagem [...]. (Professora Maria)

É possível notar, pela fala da Maria, que ela não imaginava se tornar professora. Prado et. al. (2013) destacam que muitos acreditam que, para ser docente, é preciso ter um chamado, e que, se não possuir esta pré-disposição à docência, não vai ser uma boa profissional. Contudo, apesar de não ter sido em primeira instância a escolha profissional pela docente, o que ela vivenciou desde a Universidade até as experiências já no exercício da profissão, ajudaram-na a se enxergar como uma professora alfabetizadora.

Como foi destacado pela professora, a escola foi um dos elementos fundamentais na construção de sua identidade docente. Bolzan e Millani (2013), defendem a ideia de que a escola precisa ser um local acolhedor, firmando um compromisso de promover a construção de identidade docente. Isso fica claro quando as autoras destacam que: “Avançaremos nas discussões acerca da formação do professor alfabetizador à medida que considerarmos a escola como lugar privilegiado para o processo construtivo da docência alfabetizadora” (Bolzan e Millani, 2013, p.189).

A escola também é citada como um elemento primordial na construção da identidade de professor alfabetizador em outras falas durante o percurso da conversa. Rosa, por exemplo, evidenciou que ser professora era algo que não sonhava, mas que a entrada na escola, principalmente na educação infantil,

possibilitou-lhe se enxergar como professora; posteriormente, com a experiência e curiosidade de aprender cada vez mais, finalmente se tornou uma professora alfabetizadora. Rosa relatou ainda que “queria aprender mais para conseguir ensinar os meus alunos”, e foi dentro deste contexto que as vivências que ela teve contribuíram para que se tornasse - de fato - uma professora que alfabetiza.

Bolzan e Millani (2013) reforçam que a construção da identidade docente do professor alfabetizador se desenvolve na prática da profissão e que - por sua vez -, devemos entender que essa construção profissional ocorre graças à relação entre as vivências do professor com o seu espaço de atuação, que acontece na escola.

É possível observar - no relato de outros participantes - a respeito da experiência e de como ela pode ser fundamental neste processo de constituir-se professor alfabetizador, já que são esses acontecimentos que vão ajudando na construção da identidade docente daquele indivíduo. Sobre esse aspecto, para que o sujeito se enxergue como um professor alfabetizador, é preciso que aquele docente tenha consciência da importância de alfabetizar o outro e em como este processo pode impactar na vida dos seus alunos.

A forma como o professor enxerga as contribuições que suas experiências tiveram em sua identidade profissional, é única. É possível observar que as vivências de cada um auxiliaram no processo de se tornarem professores alfabetizadores; ainda assim, cada momento destacado teve suas particularidades e se tornou uma “pecinha” na construção dessa identidade.

Sobre esse aspecto, comenta o professor Luan.

Antes de eu ser contratado pela Prefeitura Municipal de Urbano Santos, eu tinha uma escolinha particular, aqui em Urbano Santos, que era no bairro da Liberdade, então lá, eu era professor particular e pegava alunos de várias escolas, que levavam atividades e tudo mais, só que eu utilizava aquele método soletrando, porque os pais ficavam cobrando, porque os professores mandavam atividades. Então, a minha carreira como professor alfabetizador começou daí, da escolinha particular que eu tinha na Liberdade, sendo que eu fui professor alfabetizador de jovens e adultos que era do Brasil Alfabetizado. Eu ia de bicicleta [...] dar aula para cinco senhores. Eram duas horas de aula de alfabetização [...], eu tinha minha

escolinha particular e tinha o Brasil Alfabetizado que coincidia junto, só que depois por eu não querer parar com o Brasil Alfabetizado, como eu já tinha a escolinha particular no bairro da Liberdade, eu pensei em pegar as pessoas do Brasil Alfabetizado e trazer para a noite, e a tarde ficou com as criancinhas. [...] A alfabetização não parou por aí, neste contexto começou a história de eu ir para o interior e dar continuidade na escola que eu cheguei como auxiliar [...]. Eu vivi todas essas experiências, cheguei em Urbano Santos e entrei na escola que estou até hoje lá, e eu me sinto maravilhado [...]. (Professor Luan)

Ao compartilhar sobre como foi o seu processo para se tornar professor alfabetizador, Luan pode contar um pouco da sua trajetória com a alfabetização. Ele mostrou que tudo começou - também - pela experiência; desta vez fora da sala de aula, mas auxiliando os alunos com as atividades da escola. É citado também o Programa Brasil Alfabetizado, um Projeto do Ministério da Educação (MEC), criado em 2003, que tinha o objetivo de “promover a superação do analfabetismo entre jovens com 15 anos ou mais, adultos e idosos e contribuir para a universalização do ensino fundamental no Brasil” (BRASIL, 2003). Ambas as experiências foram muito marcantes para que o sujeito passasse a se constituir como professor alfabetizador e pudesse enxergar essas vivências como contribuições ao longo de sua caminhada na educação.

Com base no relato dos participantes, ficou evidente como a maior parte deles não se enxergava atuando na profissão e que, muitas vezes, nem mesmo se afeiçoavam a ela, mas devido a fatores externos, acabaram entrando no âmbito educacional e se apaixonando pelo ensino.

A professora Júlia reafirmou isso em seu relato quando falou sobre como atuar na sala de aula estava fora das suas pretensões, mas, que ao integrar o sistema educacional, acabou gostando de onde estava. Durante a sua contribuição, a professora contou que as formações foram os elementos que a tornaram professora alfabetizadora, já que a estimularam a aprender cada vez mais. A criatividade também foi um elemento destacado por ela, pois foi graças a essa característica que a professora Júlia buscava alternativas para resolver suas dúvidas. Foi apontado em seu relato que alguns professores se constituíram

referência para seu crescimento na profissão, já que se inspirava em utilizar as melhores qualidades de cada um deles.

O apoio da coordenação da escola também foi - na concepção da professora Júlia - fundamental para a sua construção de docente alfabetizadora, pois ele a auxiliava a ter foco e determinação, a nunca desistir. Por fim, ela destacou que seus formadores do Programa de Formação Continuada sempre falavam para que ela buscasse uma constante evolução, pois nas palavras da mesma, “primeiro tem que se alfabetizar para ser alfabetizador.” (Professora Júlia)

Grande parte dos relatos abordados trouxeram, principalmente, como a docência ocorreu na vida dos participantes da pesquisa, configurando como uma situação estabelecida previamente. Diferentemente, o professor Pedro - ao falar sobre o seu processo de transformar-se professor alfabetizador - relatou que sempre se interessou pela área educacional, pois teve contato com a docência ainda novo. Ele começou a ensinar em um “particular” e a partir desta experiência, afeiçoou-se bastante à educação.

Todos os relatos dos professores permitiram que se pudesse ver como as experiências vividas ajudam na formação profissional, mais especificamente de um professor que alfabetiza. Sabemos que a alfabetização é um processo que precisa diretamente do docente para intermediar a linguagem e os alunos, mas não seria possível fazer isso se os professores não se identificassem em sua essência como alfabetizadores.

Tornar-se professor alfabetizador, portanto, requer tempo, viver experiências significativas e crescimento profissional. Cada indivíduo se transforma em docente que alfabetiza de uma forma única e distinta, mesmo que vivam experiências semelhantes, cada um vai aprender com ela de uma forma diferente e isso irá impactar diretamente em como esse profissional irá alfabetizar, já que somos resultados do que aprendemos.

Por isso, Silva (2019) reitera que ninguém nasce professor, na verdade se torna professor, pois se faz necessário levar em consideração as experiências daquele docente até chegar no aporte exigido para ser um docente alfabetizador.

As falas dos sujeitos evidenciam ainda o quanto é necessário investimento na formação desse profissional iniciante, para que ele possa estudar sobre o processo de alfabetizar crianças, construir conhecimentos que vão alimentar e orientar sua prática, evitando assim permanecer com comportamentos que reproduzem apenas as experiências vividas, sem a possibilidade de reflexão mais aprofundada com base nos saberes já produzidos neste e por este campo.

Nesse sentido, Calil e André (2015) reforçam a importância que a formação inicial exerce na constituição do professor alfabetizador; para ensinar, é necessário possuir domínio dos fundamentos básicos da docência. A experiência é, sim, bastante válida, mas sozinha não se sustenta, uma vez que é a práxis o que se espera alcançar, expressa na fértil relação entre teoria e prática.

Dificuldades enfrentadas no início da carreira para alfabetizar crianças

A docência é uma profissão que carrega muitas responsabilidades, visto que é o professor que possui a função de ensinar às próximas gerações os saberes que a sociedade acumulou ao longo do tempo. Com a responsabilidade, vêm as dificuldades, já que ser docente é um trabalho complexo e exaustivo, mas é fundamental para a propagação do legado humano, o conhecimento.

Quando a docência é voltada para o ensino da leitura e da escrita, este processo se torna ainda mais complexo, pois alfabetizar também é um ato político, e o professor precisa se enxergar como um agente de transformação capaz de ensinar a leitura de mundo para seus educandos (Pereira, 2012). Essa função, muitas vezes, causa insegurança em quem exerce a docência, pois sente que muitas responsabilidades são impostas sem que tenha o preparo suficiente para lidar com elas, além de que a alfabetização no Brasil se tem constituído um problema histórico.

Desta forma, nesta pesquisa buscou-se saber quais são as maiores dificuldades ao começar alfabetizar. A resposta dos participantes foi unânime

em relação ao sentimento de medo, mas cada um se manifestou por motivos diferentes, como disse a professora Maria: “Senti medo de não ser suficiente, de não levar conteúdo suficiente que poderia desenvolver aquele aluno. Foi isso que senti no primeiro momento”.

O relato da professora Maria reflete a insegurança que ela sentiu de não conseguir desenvolver o conhecimento dos alunos e esse sentimento se manifesta em muitos outros professores, como aponta Huberman (2000) e García (1999) em suas pesquisas, visto que é durante esse período que o docente percebe que vai enfrentar muitas responsabilidades e é, neste contexto, que acontece o choque de realidade. O docente percebe que muito do que ele aprendeu não o prepara para que desempenhe, com segurança e tranquilidade, sua função docente.

Bolzan e Millani (2013) destacam como este período de entrada na carreira docente é reconhecidamente desafiadora para o professor alfabetizador, justamente por precisar de resultados ao final do ciclo para se afirmar como bom profissional e caso ele “falhe” nesta missão, será taxado como inapto para alfabetizar.

O depoimento seguinte também destaca o medo como principal sentimento ao alfabetizar, mas é enfatizado principalmente a insegurança de alfabetizar sendo homem, pois a docência, principalmente nos anos iniciais, é vista como uma profissão feminina (Costa, 2022).

Essa mesma palavra foi o que também senti: medo! É tão tal que quando eu trabalhava nos anos iniciais, que peguei a primeira sala que fiquei titular, no meu primeiro dia de aula tive o sentimento de medo. No primeiro dia a mãe chegou na sala, eu estava bem na porta e ela perguntou quem era a professora, porque normalmente as professoras dos anos iniciais são mais mulheres, aí quando viu o homem lá na porta... eu tive que dizer “eu que sou o professor”, não sei se teve um tipo de pré-conceito, mas depois melhorou. Então, essa questão do medo é muito relevante, porque precisamos pensar o que levar, por que quando chega dezembro e aí? O que eles vão levar para o segundo ano? O que eles absorveram de toda a trajetória de fevereiro até dezembro? Então, envolve o medo mesmo. (Professor Luan)

A fala do professor Luan esclarece que sentiu, pela família, um olhar de insegurança no trabalho dele, e que isso lhe causou certo desconforto. Esse comportamento encontra na afirmação de Costa (2022) quando diz que, não raro, o público masculino não é visto como apto para exercer a docência de crianças pequenas e que para se provar apto para a função, precisa se distanciar ao máximo de estereótipos que são impostos aos homens na educação dos anos iniciais, por exemplo, que homens não são maternais.

O medo de não conseguir que os alunos se desenvolvessem como leitores e escritores também se faz presente na fala do entrevistado, ele manifesta a sua insegurança de não cumprir seu papel durante o ano letivo, mas isso é um reflexo da cobrança que acontece sobre o professor. Pacheco e Fraga (2018) relatam que estamos inseridos em um mundo de incertezas, com mudanças constantes e no meio disso tudo está a figura do professor, que precisa estar se qualificando para atender às funções que lhe são impostas. Por isso que muitos docentes se sentem inseguros perante a vasta demanda.

A questão dessa insegurança com a possibilidade de não cumprir as metas estabelecidas se repete na fala de outros participantes.

Eu senti medo, medo de não dar conta, né? Inclusive no Alfabetizar (Projeto) quando a professora pediu para a gente falar dos nossos sentimentos, eu expressei meu medo. Será que vou dar conta do meu trabalho? Será que vou dar conta desses meninos no final do ano? Os pais vão ficar em cima de mim se os alunos não aprenderem. Foi isso que eu senti, e eu ainda tenho esse cuidado assim até hoje, não levo mais como medo, mas como cuidado de querer dar conta do recado, esse foi o sentimento que tive. (Professora Rosa)

Eu acho que todos nós sentimos um pouquinho de medo de não conseguir dar conta e de não conseguir fazer da forma correta. Esse mesmo sentimento sabe, dá um nervoso na gente de não conseguir. Às vezes eu fico pensando se eu passei exatamente o que era para passar, será que eu consegui transmitir com excelência? Ou então, eu volto atrás pensando: Onde será que eu errei? Será que eu fiz tudo certo? Será que eu me precipitei aqui e ali? E eu faço uma autoavaliação em mim mesmo, em alguns pontos, na forma de como eu estou escrevendo, na forma como eu estou falando com as crianças, eu fico me autoavaliando as vezes para ver se está da forma correta, se está indo bem ou não. Eu tento ver os pontos negativos, e através dos pontos negativos crescer, ter algo melhor ainda, para continuar prosseguindo. (Professor Pedro)

As falas de ambos os professores refletem a forma como suas inseguranças dominavam seus pensamentos durante o início da docência como alfabetizadores. Constantemente eles se questionavam se estavam fazendo seu trabalho de forma correta, inclusive nos dois depoimentos, eles se utilizam muito da palavra “será”, e ela reflete as inquietações que estavam sentindo, as dúvidas e o medo de não estarem cumprindo seu papel como alfabetizadores.

Bolzan e Millani (2013) afirmam que a entrada na docência alfabetizadora é marcada por muitas exigências e que; frequentemente, o professor não se sente preparado, mas que esses pontos acabam gerando a necessidade e o interesse de se aperfeiçoarem. Isso trazia ainda mais paixão pela docência e uma busca constante de se firmar na área da educação.

Diante do exposto, fica claro o quanto o processo de entrar na docência é, em si, naturalmente complexo, pois é quando aquele indivíduo deixa de ser aluno e se torna professor. Mesmo com as dificuldades, é um ótimo momento para aperfeiçoar os seus saberes e aprofundar sua identidade docente, buscando sempre um aprimoramento da sua forma de ensinar.

No seu depoimento, a professora Júlia fala principalmente de como foi difícil a entrada na alfabetização, em como ela se sentia insegura com seu trabalho, mas que tudo foi embasado em seu arsenal de conhecimento sobre a docência, Graças às adversidades que ela enfrentou é que conseguiu buscar melhorar como professora e lidar com mais facilidade hoje.

A princípio, o medo de não dar conta e de os alunos não saírem alfabetizados; o medo da dúvida de estar fazendo certo ou estar fazendo errado. Na alfabetização, a gente tem esse medo e é ele que te faz seguir, é exatamente ele que te motiva, pelo menos para mim. Eu sou muito inquieta e os professores têm que ser inquietos, se ele não tiver inquieto, ele está errado, porque sempre tem que estar buscando melhorar aquilo que ele está fazendo, e na verdade um dos desafios da alfabetização é que a gente também é muito cobrado para que as crianças tenham resultados no final, até porque, por mais que eu não aprove, tem um sistema, né? E o sistema é rigoroso. Inclusive quando ele impõe provas nas quais eu sou totalmente contra, [...] eu sinto até aquele sentimento de insatisfação, porque a gente sabe que cada criança tem o seu tempo e nível de aprendizagem diferente do outro, porém, hoje eu não falo mais que eu tenho medo [...]. A primeira vez que fui para o primeiro ano eu senti medo, eu fui me

questionando se daria certo, se eu estava fazendo certo, já no segundo ano, eu fui me acalmando [...]. (Professora Júlia)

Em seu depoimento, a professora Júlia fala da problemática que envolve a alfabetização, na forma como são impostos testes aos alunos para saber se está acontecendo uma “evolução” da escrita, em como o sistema ignora as particularidades de cada um e seus tempos de aprendizagem e que, infelizmente, é algo que foge do seu controle. Apesar de todos os problemas que surgiram e que ainda surgem, ela constantemente se reinventa para estar cada dia melhor.

Os desafios enfrentados pelos docentes, que embora sejam particulares a vivência de cada um, acontecem de forma “repaginada” na vida de outro professor, o que nos referimos é que alguns desafios são comuns a todos os docentes, mas se adequam à realidade de cada um. Nota-se isso quando grande parte dos depoimentos abordam como dificuldade central a prática docente não corresponder às expectativas que possuíam dela o que resultava no não cumprimento das expectativas e funções como educador: o medo de decepcionar o outro e não realizar o que a sociedade espera dele. Este pensamento se refletiu em muitas falas e que se reafirma no depoimento da professora Maria, no qual enfatiza o medo de ter seu trabalho julgado.

Meu maior desafio é o julgamento das pessoas em relação à forma de trabalhar e eu tenho medo de não ser suficiente e de não levar desenvolvimento suficiente para aquelas crianças, porque eu, como professora, queria muito levar conteúdo que abrangesse toda a sala, mas a gente sabe que não é assim, sempre tem as crianças que têm mais dificuldades, têm crianças que são bem desenvolvidas, mas têm outras com o desenvolvimento mais lento e a gente procura levar os conteúdos que alcancem a sala toda e eu fico muito preocupada quando chega o final do ano, porque tem esse julgamento, alguns dizem que a criança não sabe de nada, mas a gente sabe que ela conhece. A nova forma de levar a alfabetização para as crianças depois do Programa ficou mais difícil lidar com os pais, porque os pais exigem muito das crianças, eles querem que as crianças escrevam, eles querem atividades no caderno. É difícil levar um conteúdo, tentar levar para as crianças uma nova forma de aprendizagem e os pais ficam barrando, vão na escola, reclamam. É muito sofrido para o professor em relação a isso, porque não é igual a forma que as crianças tão aprendendo, não é igual a forma que eles aprenderam. Eu achei legal da parte do Programa que veio para nossa cidade, porque ela não atingiu apenas os professores, ela veio geral, diretor,

coordenador, seguindo uma linha só, de levar os conteúdos para as crianças, então nós estamos respaldados por esta questão, o que estamos trabalhando na sala a coordenação, a direção sabe do nosso serviço, mas e os pais? Os pais não entendem! E a gente, toda vez explica, eles cobram e a gente fica tentando. O que a gente pode mostrar para eles é realmente o desenvolvimento das crianças, o que está fazendo a diferença, pois alguns pais já notam a diferença nas crianças. (Professora Maria)

Dentre os pontos destacados, a professora Maria enfatiza o medo de ser julgada, característica muito comum de quem está em início de carreira e precisa da aceitação de seus pares, de sentir-se pertencente ao grupo profissional, como evidenciam Huberman (2000) e Garcia (1999). Destaca ainda a importância de a escola, por inteiro, ter um processo de formação que traz os mesmos princípios, uma alfabetização humanizadora, e envolve todos os profissionais da educação para o alcance deste fim, sendo cada um em sua função corresponsável pelo seu alcance. Ela sinaliza ainda o quanto é desafiador abraçar uma alfabetização humanizadora, que vai de encontro com os métodos tradicionais tão disseminados nas instituições de ensino brasileiras por tantos anos, sendo a prática mais conhecida - e aceita - pelas famílias. Ressaltou ainda o quanto é importante o apoio que a coordenação desempenha aos seus docentes, pois esse dá o sustento para prosseguir no aperfeiçoamento do seu trabalho.

Diante do exposto, demonstra-se pertinente falar sobre como é importante que os pais sejam situados a respeito das concepções que sustentam o trabalho da escola, já que é difícil que eles compreendam algo na qual sequer foram informados do que se trata. Para que a escola cumpra sua função como instituição social, é dever da mesma inserir as famílias nos debates escolares, e isso inclui comunicar principalmente a escolha de qual sistema de ensino/aprendizagem está sendo utilizado.

No depoimento seguinte, prossegue a dificuldade de se desvencilhar do tradicionalismo, principalmente pelos familiares que cobram uma alfabetização fonética e uma pedagogia da repetição, na qual os alunos precisam copiar letras sem sentido e reproduzir sons sem significado para que se apropriem da leitura e escrita.

[...] No primeiro ano que começou o Alfabetizar Pra Valer, teve pais que reclamaram sobre os alunos não estarem escrevendo no caderno, eles cobram muito essa questão, esse é um dos desafios também. Os pais querem que os alunos respondam o livro, embora muitos até esquecem o livro. Mas, a gente não foca nisso, porque a gente já vai levando uma bagagem, né? O livro vai servir como um complemento. (Professor Luan)

O processo de se tornar professor alfabetizador é complexo e permeado por sentimentos de medo, insegurança, como vimos no exposto. De acordo com Rocha (2016), este período é tão desafiador que acarreta até em possíveis permanências ou desistências na profissão. O relato do professor Luan reflete algumas das diversas dificuldades enfrentadas durante este período, e quando esta etapa acontece com professores alfabetizadores, os problemas são ainda mais árduos, pois além de lidar com questões próprias da docência, ainda é preciso conciliá-las com as problemáticas pertinentes ao processo de alfabetização.

Ao falar sobre sua dificuldade, a professora Maria destaca que foi difícil para ela se desvencilhar do tradicionalismo,

As maiores dificuldades enfrentadas na minha carreira como docente[...] seriam nós mesmas, como professoras, acreditar que aquilo que a gente está passando funciona. Essa foi a minha maior dificuldade, eu acreditar que realmente o que eu estou aprendendo, da forma que eu vou ensinar, realmente vai surtir efeito nas crianças, cair minha ficha que o que eu estou fazendo é o certo [...]. O “ba-be-bi-bo-bu” foi abolido, porque a gente trabalhava usando ele e eu aprendi assim, aí veio essa nova forma de ensinar. Porque o jeito que uma criança aprende não é igual que a outra aprende, e eu ficava pensando: será que isso vai dar certo? Essa foi a minha maior dificuldade. (Professora Maria)

A dificuldade para se adaptar a uma alfabetização humanizadora defendida e propagada pelo Programa Alfabetizar Pra Valer aparece no depoimento da professora Maria e se repete na fala da professora Rosa. Ambas precisaram se adequar a uma evolução na forma de conceber alfabetização e operacionalizá-la metodologicamente. Foi um processo que exigiu bastante empenho dos professores e formação continuada, pois, além de ter que lidar

com as adversidades naturais que envolvem a prática pedagógica, o ambiente de sala de aula e os alunos, ainda foi preciso lidar com os pais.

Uma das maiores dificuldades que eu enfrentei, tanto no passado como nesse ano, foi a questão das formas diferentes de ensino, porque as crianças já estavam acostumadas como o abc tradicional, muitas atividades com silabação, então, eles estavam acostumados com isso e quando a gente trouxe a outra forma de ensino, elas estranharam, acharam chato e muito difícil. Quando a gente trazia um texto, elas não gostavam. Foi um desafio muito grande, porque eu ficava pensando que não ia dar certo, porque os meninos não estavam se adaptando aos textos, porque agora é texto, né? Também teve o olhar dos pais, alguns disseram que não ia dar certo daquele jeito, que estava difícil demais, alguns chegaram até a dizer como eu deveria trabalhar e tudo isso me entristecia demais, porque quando a gente está em uma formação a gente quer repassar o que a gente aprende, e eu gosto de fazer da forma que eu sou ensinada, não passo por cima da ordem dos meus superiores. Um dos maiores desafios foi esse, de adaptar a forma de ensino que a gente está aprendendo, para mim foi difícil porque quando fui alfabetizada, aprendi da forma tradicional, mas é um processo. Ano foi passado foi bem difícil para mim, mas esse ano já está mais fácil e bem melhor [...] em resumo, foi a adaptação as novas formas de ensino. [...] (Professora Rosa)

Nas falas percebe-se que, com o passar do tempo e o investimento na formação continuada em serviço esta fase de dúvidas e dificuldades, foi se atenuando e tornando mais fácil a adaptação e execução da alfabetização humanizadora, como é retratado na própria fala da professora Rosa. Indiscutivelmente, trata-se de um processo complexo, visto se tratar de um grande passo: sair de uma crença de alfabetização repetitiva e sem sentido, para uma alfabetização emancipatória e humanizadora. Isso só é possível por meio de um processo formativo contínuo e articulado às práticas vividas em sala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores alfabetizadores atuantes no primeiro ano do ensino fundamental, ingressantes na docência, levantaram diversas dificuldades enfrentadas que são pertinentes a esta etapa da carreira. Entre elas, pode-se destacar o medo - sentimento unânime enfatizado diante da iminência de

alfabetizar. O medo se apresentava por motivos distintos, um deles era de não conseguir ensinar a leitura e escrita para as crianças, já que, assim como afirma García (1999), este aspecto de possuir insegurança em si mesmo é característico desta fase. Este sentimento pode ser identificado em professores que ficam amedrontados diante da própria prática docente. Este sentimento também surgiu ao imaginar o julgamento dos colegas de profissão e dos pais dos alunos; assim como foi destacado por Huberman (1974), o docente iniciante está vivenciando um período em que precisa ter a validação de terceiros para acreditar no potencial do próprio trabalho.

Durante a trajetória da pesquisa, foi evidenciado a dificuldade de se distanciar de uma pedagogia tradicional e caminhar para uma alfabetização humanizadora, já que implicava a mudança de uma metodologia a qual os docentes estavam habituados outrora. Essa mudança de perspectiva é uma característica da iniciação do professor na carreira. Huberman (1974) defende que é nesse contexto que acontece o “choque de realidade”, pois o docente enxerga que seus saberes iniciais não são suficientes para ensinar, então é preciso que ele busque a melhoria dos seus conhecimentos em prol do ensino, só que, nem sempre se desvencilhar de algo em que já está adaptado é fácil.

Por fim, conclui-se que ensinar a leitura e escrita significativamente para os alunos também não se mostrou uma tarefa fácil. Criar o desejo neles de apropriação da escrita e leitura é um processo bastante árduo; portanto, para que o professor cumpra o seu papel, é preciso que busque alternativas para inserir aspectos culturais e sociais na sua prática alfabetizadora (Arena, 2008), já que o aluno compreenderá - enfim - como a linguagem faz parte do seu jeito de ser humano.

REFERÊNCIAS

ARENA, Dagoberto Buim. Por uma Alfabetização Humanizadora. In: NAHUM. Alfabetização Humanizadora: vez e voz às crianças. **Boletim N° 2**. Núcleo de Alfabetização Humanizadora, Marília, 2022. Disponível em: <https://nahum->

lescrever.com.br/wp-content/uploads/2021/04/PERIODICO_JAN_FEV_21.pdf.
Acesso em: 15 jul. 2024.

ARENA, Dagoberto Buim. Por uma alfabetização à margem esquerda: para abandonar o Tripalium e abraçar a Poiésis. **Revista Brasileira de Alfabetização**. n. 14, 2021. Disponível em:
<https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/528>.
Acesso em: 12 ago.2024.

ARENA, D. B. Considerações em torno do objeto a ser ensinado: língua, linguagem escrita e atos culturais de ler e de escrever. In: MORAES, D. R. S.; GUIZZO, A. R. (org.). **Coletânea de artigos: Humanidades nas Fronteiras: imaginários e culturas latino-americanas**, 09 a 11 de outubro de 2017. Foz do Iguaçu (PR): UNILA/UNIOESTE, 2017. p. 13-28.

BOLZAN, Doris Pires Vargas; MILLANI, Silvana Martins de Freitas. Aprendizagem da docência alfabetizadora: desafios à formação. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, v. 13, n. 3, p. 186-194, set-dez, 2013. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/5107>. Acesso em: 02 abr. 2024.

CAVALCANTE, Maria Mikaele da Silva; FARIAS, Isabel Maria Sabino. Permanecer na docência: o que revelam professores iniciantes egressos do Pibid? **Revista Educação em Questão**, v.58, n.58, p.1-24, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/22474/13387>.
Acesso em: 11 set. 2024.

FERREIRA, Edith Maria Batista; CORREIA, Joelma Reis. A formação da criança leitora por meio dos gêneros do discurso: questões metodológicas. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v.38, n.78, p.79-95, 2020. Disponível em:
<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/834> Acesso em: 11 set. 2024.

GARCÍA, Carlos Marcelo. *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Portugal: Porto, 1999.

GIOVANNI, Luciana Maria; GUARNIERI, Maria Regina. Pesquisas sobre professores iniciantes e as tendências atuais de reforma da formação de professores: distâncias, ambiguidades e tensões. In: **Professor iniciante: Diferentes necessidades em diferentes contextos**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2014.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: (Org). NÓVOA, António. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000.

MERTINS, Simone; SILVA, Carla Melo da; RAMOS, Maurivan Güntzel. **A relevância da linguagem no processo de ensino e aprendizagem de**

ciências na Educação Básica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2017.

MILLER, Stela. **Por que um “Núcleo de Alfabetização Humanizadora”?** Alfabetização Humanizadora: vez e voz às crianças. Marília-SP, Boletim N° 1. Núcleo de Alfabetização Humanizadora, 2020.

MOURA, Taís Aparecida de; GUARNIERI, Maria Regina. Uma professora iniciante aprendendo a alfabetizar: processos formativos e saberes docentes na corda bamba. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, SP. v. 14, n. 3, p. 1001-1014, jul./set., 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11552> Acesso em: 05 abr. 2024.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Alfabetização e letramento. *Construir Notícias*. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007.

PACHECO, Leila Leatrice Saldanha; FRAGA, Marta Elisiabete de. **A importância da formação continuada para o bom desempenho do docente**. Rio Grande do Sul: Taquara, 2018.

ROCHA, Deise Ramos da. **Os sentidos políticos atribuídos à educação escolar pelos professores iniciantes: continuidade, utopia, resistência e revolução**. Dissertação (Mestrado em educação). Universidade de Brasília, 2016.

SANTOS, Ana Claudia Siqueira dos; PESSOA, Élide; PEREIRA, Maria José Garangau; SILVA, Rozilene Nascimento Lima. **Alfabetização e Letramento: dois conceitos, um processo**. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc3-6.pdf> Acesso em: 05 abr. 2024.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Relatório Anual do Programa Alfabetizar Para Valer**. Urbano Santos: SEMED, 2020.

SILVA, Cristina Ramos da; SILVA, Cristina Rosa David Pereira da; GIAVONI, Regina de Fátima Arraes; SOUSA, Sandra Santella de. **Práticas Educomunicativas: Formação de professores para uma mudança educativa**. São Paulo: Prefixo Editorial, 2019. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/download/24/18/664-1?inline=1>. Acesso em: 08 maio, 2024.

SILVA, Greice Gerreira da. Os atos de ler e de escrever: algumas reflexões. *Revista Brasileira de Alfabetização*. n. 14, p. 77-88, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47249/rba2021529>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SOUZA, Karina Silva Molon de; MARQUEZAN, Fernanda Figueira; NUNES, Janilse; BOLZAN, Doris Pires Vargas, ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar. A

aprendizagem de ser professor em início de carreira. **Comunicações.**
Piracicaba. Ano 23, n. 1, p. 41-63. jan.-abr. 2016. Disponível em:
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2238-121X2016000100041&script=sci_abstract Acesso em: 08 maio, 2024.

Recebido em: 10/10/2024.

Aprovado em: 17/11/2024.

Publicado em: 02/02/2025.